



O Silêncio do Pai Natal

Do alto de uma chaminé coberta de neve, o velho Pai Natal observava a noite. O vento soprava com delicadeza, fazendo dançar pequenos flocos que cintilavam à luz pálida da lua. Permanecia imóvel, com o olhar perdido entre as estrelas e as janelas iluminadas da pequena cidade adormecida.

Lá em baixo, as casas dormiam sob mantos brancos, cada janela acesa como um coração a bater. Ele observava-as com ternura. Eram vidas que, ao longo de muitos anos, tocara de forma invisível. Lembrava-se dos risos, das pequenas mãos ansiosas, das cartas escritas com tinta de sonho. Mas, naquela noite, algo era diferente — sentia-

-se menos como um portador de magia e mais como um testemunho do tempo, uma presença que via o mundo transformar-se, e nem sempre para melhor.

O velho Pai Natal observava as janelas e via pessoas reunidas em torno das lareiras. Estavam próximas umas das outras, mas estranhamente distantes: cada rosto iluminado não pela dança das chamas ou pelo entusiasmo das conversas, mas pelo brilho azul e intermitente dos ecrãs. As vozes cruzavam-se sem se ouvirem, e os sorrisos e os gestos eram distraídos, quase mecânicos.



Suspirou. Sabia que o mundo mudava — sempre mudara — mas naquelas mudanças havia algo que lhe doía. Antes, quando visitava as casas na véspera do Natal, encontrava uma alegria diferente: um entusiasmo, um espanto puro diante do inesperado, um calor vindo da partilha e do diálogo, e não de gestos convencionais. As prendas eram simples — um carrinho de lata, uma boneca de trapos, duas laranjas, uma carta escrita à mão — e, por isso mesmo, preciosa. Agora, via embrulhos abundantes e vistosos, oferecidos distraidamente, quase por rotina.



Mas o Pai Natal não fazia juízos. Sabia que as pessoas ainda procuravam as mesmas coisas — apenas tinham esquecido o caminho. Por entre o ruído e a pressa, continuavam a existir pequenos gestos que resistiam: um abraço tímido, uma palavra dita com ternura, um sorriso para aquecer o coração de alguém. Esses gestos, pensava ele, eram como brasas escondidas sob a neve — frágeis, mas capazes de reacender uma chama imensa.

O velho inspirou fundo. O ar frio encheu-lhe o peito e trouxe-lhe a serenidade dos anos vividos. Ao seu lado, duas pequenas aves brincavam na neve. Sorriu-lhes carinhosamente, como quem reconhece no mais pequeno gesto a persistência da vida. Ergueu, em seguida, o olhar para o céu. O luar desenhava caminhos sobre as nuvens, e

por um instante pareceu-lhe ouvir o eco distante dos risos antigos — os de um tempo em que o Natal era menos ruído e mais encantamento.

“Talvez seja isto o que fica de mim”, pensou. “Não a fantasia, mas a presença tranquila que lembra às pessoas que ainda é possível acreditar. Basta, talvez, que alguém recorde o essencial.”

A lua, em quarto crescente, parecia inclinar-se sobre ele, derramando uma luz suave sobre a cidade. As estrelas piscavam como se lhe respondessem. E, por um instante, o Pai Natal sentiu-se parte de algo maior — não apenas uma figura lendária, mas um mensageiro de afeto e de sonho, num mundo demasiado preso ao real.

Depois levantou-se e desapareceu no nevoeiro da madrugada, deixando apenas as pequenas aves e o rasto suave das suas pegadas — sinais de que, mesmo no silêncio mais profundo, a ternura ainda pode habitar o mundo.

A cidade adormecera, envolta na luz branda das janelas. E, em algum lugar entre os sons ténues da noite, ficara a certeza de que a magia podia continuar a existir — não nas coisas que brilham, mas nos corações que, mesmo cansados, ainda sabem iluminar-se uns aos outros.



Osório Frey
Histórias de Natal

O Silêncio do Pai Natal

1. Onde se encontrava o Pai Natal no início da história, e qual era o seu estado de espírito?
2. O que via dentro das casas que lhe fazia sentir que as pessoas estavam “próximas umas das outras, mas estranhamente distantes”?
3. Enumera as mudanças que o Pai Natal tinha vindo a testemunhar ultimamente.
4. “Sabia que as pessoas ainda procuravam as mesmas coisas — apenas tinham esquecido o caminho.” O que significa, para ti, esta frase?
5. O que simboliza a expressão “brasas escondidas sob a neve”?
6. O Pai Natal observa duas aves a brincar na neve. O que representa esta imagem no contexto da história?
7. Que críticas tece o texto à sociedade atual?
9. Na tua opinião, como podemos fazer um Natal com menos ruído e mais encantamento?
10. Atribui um outro título à história, e justifica a tua opção.